

Diversão & Arte

DOCUMENTÁRIO EM CARTAZ NOS CINEMAS REDISCUTE A IMAGEM DE **JAIR RODRIGUES** E RESSALTA A RELEVÂNCIA DO CANTOR PARA A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA



Elementos de família pesam na trama



Luciana Mello, ao lado do pai Jair Rodrigues



“Ele foi o primeiro apresentador negro da tevê brasileira, algo impensável na época. E colocou sua família, uma família negra, como referência no imaginário brasileiro. Isso não é pouco em termos de visibilidade do negro”

Rubens Rewald, cineasta

» RICARDO DAEHN

Morto há praticamente nove anos, em decorrência de infarto, o cantor Jair Rodrigues puxa uma extensa leva de elogios, no decorrer do documentário *Jair Rodrigues: Deixa que digam*. Associado à simplicidade e ao “inexplicável”, o cantor que “nunca desafinou” e que, ao lado da colega Elis Regina, puxa o predicado de uma “força natural” da música, é esquadrihado desde a origem sertaneja até o insuflar de antigos e novos sambas. Pouco depois da consagração, em 1963, com o prêmio Roquette Pinto de sambista revelação paulista, pela projeção do disco *Dois na Bossa*, cravou (com Elis) o primeiro registro nacional de mais de 1 milhão de unidades vendidas. Diretor do filme, recém estreado no circuito, Rubens Rewald enfatiza: “Jair se mistura com a evolução da indústria cultural. Tem muita coisa dele na tevê, tínhamos horas e horas de material, coisas incríveis — coube selecionar o filé do filé. Muita coisa boa ficou de fora, deu até dor no coração, mas o filme não podia ter cinco horas de duração (risos)”.

Wilson Simoninha comparece em cena para saudar os feitos do músico formado pela prática, sem muito estudo formal. O professor Salloma Salomão desponta para enfatizar que, numa sociedade civilizada, Jair seria tema de curso na ECA, teria os discos sistematizados, em estudos, com o peculiar modelo de corporalidade dele. “Hey, hey, hey — Jair é nosso rei”, dispara parte das 150 mil pessoas presentes a uma das edições do *Rock in Rio*, cristalizando a saudação do ídolo que popularizou versos como “pega no ganzê, pega no ganzá” e “Em casa que mulher manda, até o galo canta fino”, trecho da hilaria *Leão de coleira*.

Entre os momentos temos do filme, Jair aparece cantando *O filho do seu menino*, ao lado

O JAIR DO BEM

Jair Rodrigues: ele era a imagem de um país otimista, que se perdeu no tempo

da ainda pequeninha filha Luciana Mello. A viúva Claudine Rodrigues (que foi modelo do estilista Clodovil) conta da piscadela que a conquistou, numa saída para a Catedral do Samba, no bairro do Bixiga. Dercy Gonçalves também está no documentário, em imagem de arquivo, para endossar o “gesto de bobagem” (como destacava a mãe de Jair, Dona Conceição), repetido por penca de brasileiros, indissociável a um dos grandes estrofos musicais do cantor.

Até a chegada de momentos mais tensos, como o do relato da morte da primeira filha de Jair, o documentário se afirma em depoimentos como os de Hermeto Paschoal, um dos primeiros a presenciar o público “se ligando” ao Jair “misturar tudo” em termos de música. *Rappin Hood* identifica o mestre como autor da era pré-*rap* e *hip-hop*. Nascido em 1939, em Igarapava (SP), ao contar sua trajetória, Jair enfatiza o nascimento, praticamente

num colchão de palha feito em canavial em que, por pouco, não teve o cordão umbilical cortado à base de facão. Confirmando a perspectiva de uma antiga professora de boate, que definiu: “Ele pode enfrentar qualquer público”, Jair meteu as caras com públicos de boate, cabaré, teatros e rádio. Inquieto e sem falsa modéstia, ele detecta, em cena, em meados dos anos de 1960, ter entrado “para história com Elis Regina”, ao apresentar o programa *O fino da bossa*, no

Teatro Paramount. Na mesmalinha, o pesquisador Zuza Homem de Mello conta o episódio “com clima de final de Copa”, na disputa entre as clássicas *A banda e Disparada*, em festival da TV Record (1966), e ainda há uma cena em que a multidão do Teatro Record Centro delira, com a expressiva *Canto chorado*. Com imenso carisma, Jair Rodrigues ainda aparece no filme conclamando, em meio a largo sorriso: “Deus abençoe que dê tudo certo na nossas vidas”.

Entrevista // Rubens Rewald, cineasta

Você defende a versão “apolítico” reservada para o Jair, ou acredita que preponderava uma militância “nas entrelinhas”?

Acredito que ele circulava pelos dois lados. Jair era uma pessoa muito simples, não tinha um discurso político. Portanto, ele não era capaz de elaborar um discurso ou uma ação contra a ditadura. Por outro lado, era um cara superinteligente e sensível, entendia quando havia injustiças ou coisas erradas, portanto sem fazer alarde fazia muitas ações inclusivas, dando espaço para artistas negros e, principalmente, se colocando na grande mídia. Ele foi o primeiro apresentador negro da tevê brasileira, algo impensável na época. E colocou sua família, uma família negra, como referência no imaginário brasileiro. Isso não é pouco em termos de visibilidade do negro. O filme explora bastante esse aspecto do Jair.

No peso das raízes afro da música dele e ainda da fundação dele no sertanejo: o que foi mais potente no repertório?

O repertório dele passa por ambos os estilos e muito mais. Ele adorava sambacção, por exemplo. Jair era um cantor, um intérprete, acima de tudo. A música estava no seu sangue. Era interessante conversar com o Jair. No meio da conversa ele emendava alguma música que tinha vindo à mente dele. Ele não parava de cantar. Um músico de sua banda falou num depoimento: “o Jair nunca precisava aquecer a voz, pois ele cantava o dia inteiro. Sua voz estava sempre aquecida”. Então é difícil falar deste estilo ou do outro. Jair encarnava todos os estilos. Do samba ao rap, da música sertaneja a MPB, do samba canção ao bolero — tudo era Jair.

Com *Dois na Bossa*, mesmo no filme, há quem conteste o branqueamento do

samba. Jair era crítico em relação a isso?

Não acho que ele fosse crítico, ele simplesmente cantava coisas da Bossa Nova, com suas lindas canções. Mas o samba estava em suas veias, e, aos poucos, ele foi trazendo de volta pra mídia, o samba raiz, o samba negro do morro. Jair foi muito importante nessa valorização do samba como um produto cultural de alta qualidade. E mais, o Jair lançou muito sambista, como Martinho da Vila, Alcione, e muito compositor negro de escolas de samba. O Jair não tinha preconceito, ele ouvia uma música e se gostasse, ele gravava, indiferente de quem tinha feito. A Roberta Miranda, por exemplo, foi ele que lançou, com *A majestade e o sabiá*.

Há um momento turvo, na carreira dele, não?

Sim, foi um grande baque na carreira

dele. Sua relação com a Philips tinha mais de vinte anos e de repente ele estava no olho da rua. Mas logo se reinventou, principalmente com sua adesão ao sertanejo.

Quais foram os dados mais inesperados de Jair, a partir da tua pesquisa?

Eu queria buscar um lado oculto do Jair, uma zona de sombra em seu comportamento. Em todas as entrevistas tentei extrair do entrevistado situações com Jair bravo, nervoso, triste, deprimido — e fracassei, de modo retumbante. Todos eram unânimes: Jair era a pura alegria. Desisti de meu plano inicial e aceitei esse fato. E busquei no filme retratar essa alegria sem fim, esse otimismo, essa utopia existencial.



Rita F. Rewald/Divulgação

No que resultou isso?

Acabou virando um pouco um filme sobre um Brasil de uma outra época, quando a alegria era o nosso traço. Jair simbolizava este país. Hoje parece que essa alegria, esse otimismo, sumiram, andam escondidos, ninguém sabe para onde foram, e o pior, ninguém sabe se voltarão. Essa é a nossa questão atual. Muitas pessoas que assistem ao filme ficam muito emocionadas com a figura do Jair, sua musicalidade, mas também se emocionam com a visão de um país que já não existe mais. Entre o tempo do Jair Rodrigues e hoje, muita coisa aconteceu, muitos problemas, um outro Jair surgiu, o país degingolou de muitas formas, tá difícil reconstruí-lo. Mas, enfim, vamos ser otimistas como o Jair Rodrigues e acreditar que ainda encontraremos a alegria perdida.